

União das esquerdas não impede divergências

Além de enfrentar Fernando Henrique, Lula terá que administrar diferenças entre Brizola e correntes internas do PT

Sérgio Tomisaki

Aziz Filho e Flôrência Costa

RIO e SÃO PAULO. A troca recente de bilhetes nada gentis entre o presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA), e o presidente do PDT, Leonel Brizola (PDT), expôs uma das armas da campanha do presidente Fernando Henrique Cardoso pela reeleição. O senador deixou claro que, se a frente de esquerda dá ao petista Luiz Inácio Lula da Silva mais palanques e minutos de televisão, os desentendimentos históricos entre os partidos que a compõem são um trunfo do adversário. Antônio Carlos avisou a Brizola que usará na campanha cenas gravadas do pedetista fazendo afirmações "ofensivas à moral e à capacidade de seu candidato e chefe".

Os dez anos de xingamentos entre Lula e Brizola não são a única zona de conflito na frente de esquerda. O guarda-chuva de Lula abriga ideologias que vão da social-democracia ao marxismo-leninismo, passando pelos ideais petulistas que o PT nasceu combatendo nas greves de operários paulistas. Ordenar tantos interesses espalhados por PT, PDT, PSB, PCdoB e PCB é um dos desafios de Lula, tanto na campanha quanto num possível governo.

Em sua terceira campanha, Lula não conseguiu liderar uma frente ampla de centro-esquerda, incluindo o PPS de Ciro Gomes e o PMDB. As resistências surgiram justamente no PT, onde convivem as turras correntes quase sociais-democratas, como a Articulação e a Democracia Radical, com trotskistas radicais da Trabalho e da Corrente Socialista dos Trabalhadores. Algumas delas, em plena campanha, atiram na chapa que deveriam defender.

— É a frente dos quatro caciques, Arraes, Brizola, Amazonas e Lula. Lula virou o cacicão. A frente foi feita de cima para baixo só para ganhar votos, como se eleitor fosse gado — diz Markus Sobol, da Trabalho, uma das correntes mais xiitas do PT.

A maior parte da frente, incluindo os partidos comunistas, tenta assumir na campanha um perfil moderado, guardando bandeiras de estatutos e programas. Mesmo assim, as divergências de fundo começaram a ser expostas. Na mais recente, Brizola defendeu a retomada a qualquer custo de ex-estatais como a Vale do Rio Doce. O PSB e os moderados do PT saíram em campo para apagar o fogo, condicionando qualquer decisão à legalidade e à comprovação de irregularidades. A proposta do ex-governador virou bandeira dos radicais petistas que combatem o PDT e atraíram o PCdoB e o PCdoB.

O desencontro de afirmações sobre as intenções e métodos de um governo Lula levaram a frente a marcar, para amanhã, na sede nacional do PT, em São Paulo, uma reunião dos representantes dos partidos para começar o trabalho de uniformização dos discussos.

Radicais ensaiam trégua para não prejudicar a campanha

A proximidade das eleições e o crescimento de Lula nas pesquisas estão levando os partidos e até as correntes radicais do PT a ensaiarem uma trégua para não prejudicar a campanha.

O secretário de organização do PT, Joaquim Soriano, que integra a tendência de esquerda Democracia Socialista, é um dos que já trabalham para amenizar os embates. Ele afirma que as vozes de toantes na campanha de Lula vão acarretar prejuízos eleitorais. Soriano concorda com Brizola sobre a necessidade de se rever as privatizações, mas ressalta a ideia de que o adversário não está nas fileiras da esquerda.

— Vamos construir a hegemonia no processo de campanha. Temos muito mais divergências com o Governo Fernando Henrique do que entre nós. Estamos conscientes da necessidade de unidade para enfrentar o Governo neoliberal — apela Soriano.

Na busca de alianças, a divisão continua. Lula e Brizola se esforçam para conquistar dissidentes de partidos que os radicais con-

sideram burgueses demais, como o PMDB. No Paraná, o apoio do PT ao senador Roberto Requião (PMDB) abriu um racha no partido, assim como ocorreu em Pernambuco com Miguel Arraes (PSB). No Rio, a direção do PT tomou a atitude inédita de anular uma convenção para garantir o apoio a Anthony Garotinho (PDT). O caso vai parar na Justiça, para onde correu o ex-deputado Vladimir Palmeira, escolhido na convenção anulada.

A cientista política Lucia Hipolito é cética quanto ao sucesso da heterogeneidade da frente. Para ela, as diferenças são inconciliáveis, agravadas pela personalidade de Brizola.

— Não me lembro de frente de esquerda tão heterogênea desde a França de 1936. Comunistas e socialistas tentaram se unir contra o nazismo, mas era tarde. Socialistas não suportam comunistas, que odeiam sociais-democratas — diz a estudiosa.

Lúcia prevê problemas enormes para Lula na campanha e num possível governo porque "a esquerda tem muitas faturas antigas para descontar".

— Lula e PT nasceram contra o populismo brizolista. Saíram de um sindicalismo independente, que rejeita o peleguismo. O PSB tem outro naipe, menos operário e mais de idéias, tolerante ao ponto de se deixar liderar por um coronelão como Miguel Arraes. O PCdoB acha que o modelo albanês é bom para o país, é de rolar de rir. As diferenças conceituais podem inviabilizar políticas, como ocorreu com Salvador Allende e sua federação de esquerdas — compara Lúcia, referindo-se ao presidente do Chile derrubado por um golpe militar em 1973.

Cientista político identifica depuração ideológica no PDT

O cientista político Jairo Nicolau é menos duro. Para ele, o PDT reduziu sua distância da esquerda ao passar por uma "depuração ideológica", perdendo setores oligárquicos. Enquanto o PT caminhou para a direita, sem o radicalismo dos anos 80.

— A esquerda cairia no colo de Lula de qualquer jeito e ele já viu que não basta. A saída é atrair gente de centro, como Requião e Itamar Franco — diz Nicolau.

O cientista político reconhece que Brizola é imprevisível demais para que Lula se sinta totalmente seguro, com a tranquilidade que o discreto vice-presidente Marco Maciel dá a Fernando Henrique.

— Brizola não é amador nem está nisso para fazer piquenique. Vai cobrar espaço no Governo.

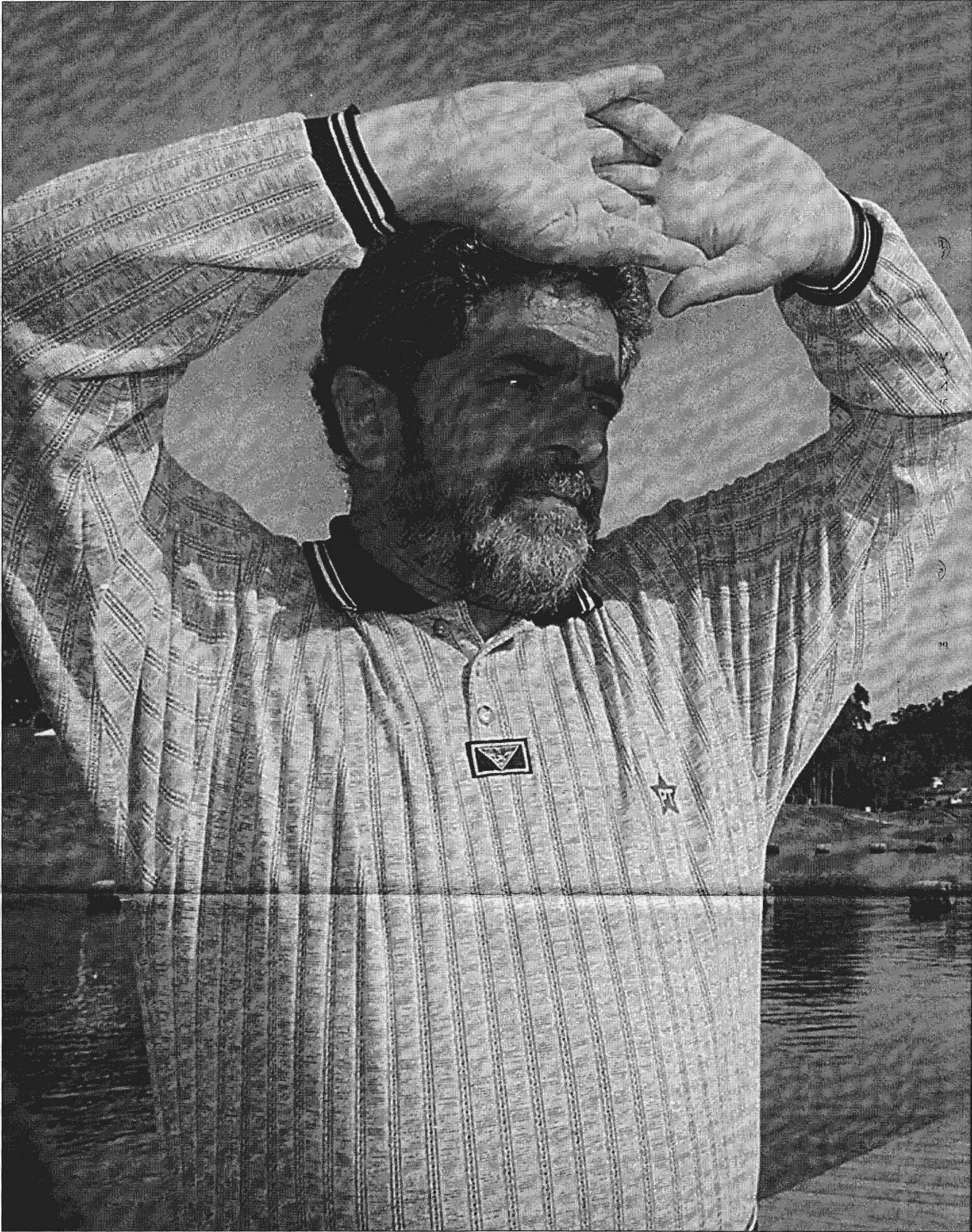
A busca da unidade nacional é uma constante na política brasileira, ressalta a pesquisadora Maria Celina D'Araújo, da Fundação Getúlio Vargas. Segundo ela, não deu certo a pretensão de Lula de monopolizar a esquerda e atrair o centro, apesar de seus esforços.

— Lula mudou tanto que eu diria que hoje teria até mais legitimidade do que Fernando Henrique para fazer as reformas. De 1989 para cá, o radicalismo de Lula caiu mais do que o preço da Telebrás — brinca Maria Celina.

A pesquisadora também acha que as divergências, principalmente entre PDT e PT, criariam problemas num governo.

— Ou Lula se submete ou terá problemas com o PDT no Congresso. Brizola vai tentar enquadrá-lo. Lula tem posições muito mais reformistas do Estado. Brizola tem idéias dos anos 60, de imperialismo e soberania, a visão otimista do Estado pioneiro. Mas a aliança tem virtudes óbvias. Brizola chega ao lumpem, ao povo humilde que não entende o PT.

O PT é o maior partido da frente. Tem 50 deputados e cinco senadores. Elegeu dois governadores, mas perdeu um, o do Espírito Santo, Vitor Buain, que brigou com os radicais foi para o PV. O PDT tem 23 deputados e quatro senadores. Perdeu dois governadores descontentes com Brizola. O PSB tem 14 deputados, dois senadores e dois governadores (Pernambuco e Amapá). O PCdoB tem nove deputados. O PCB não elegeu sequer um vereador em 1996, ano em que conseguiu seu registro. ■



LUIZ INÁCIO Lula da Silva: aliança heterogênea demais, segundo cientistas políticos, e marcada por ressentimentos de quando os partidos se enfrentaram

17